

Rosa Maria Assis Veado

REDUÇÃO DE DITONGO - UMA VARIÁVEL SOCIOLINGÜÍSTICA¹

RESUMO

Este artigo trata das alternâncias ou~o e ei~e na fala casual e formal da região metropolitana de Belo Horizonte. Argumenta-se que tais alternâncias têm status de variável lingüística, não podendo, pois, ser explicitadas por regras estruturais categoriais. A tendência para a redução de tais ditongos está comprometida tanto com fatores internos, quanto com fatores externos ou sociais.

ABSTRACT

This paper discusses the ou o and ei e alternations in the colloquial and formal registers of the Belo Horizonte metropolitan region. It argues that the above alternations have the status of linguistic variable and so can not be described by categorial rules. The tendency to reduce these diphthongs depends on internal as well as external or social factors.

1. Introdução

Analisando as alternâncias lingüísticas 'ou' - 'o' e 'ei' - 'e', em dados de diferentes situações de fala da região metropolitana de Belo Horizonte, pudemos observar que tais alternâncias têm status de variáveis lingüísticas, não podendo ser explicitadas por regras estruturais categoriais. A tendência para a redução de tais ditongos decrescentes está intrinsicamente comprometida tanto com fatores internos, quanto externos.

Em termos estruturais, são reduções que têm que ser explicitadas separadamente. A redução de 'ei' > 'e', por exemplo, é menos geral em termos de contexto fonético e, paradoxalmente ao 'ou', nem todas as suas ocorrências são passíveis de redução. Tanto há ambientes estruturais favorecedores, quanto há ambientes bloqueadores.

Já em termos não-estruturais, os dados coletados demonstram que a redução não é marcador de classe social, nem de idade, nem de sexo, mas índice de maior interação social na comunidade. Uma situação de fala marcada por traços [+ coloquial], [+ casual], tem peso decisivo na produção das variáveis (o) e (e). Segundo Lemle (1978), a supressão das referidas semi-vogais 'i' e 'u' avançou tanto que já deixou de ser percebida como marca lingüística de fala não-padrão no Rio de Janeiro. Realmente, os dados coletados em Belo Horizonte também demonstram que são mesmo num registro muito formal de fala é que os ditongos 'ei' e 'ou' ainda se mantêm sem redução, embora nunca categoricamente mantidos.

Para as análises apresentadas nas seções que se seguem, tomaremos como referencial uma amostra dividida em três blocos. Cada bloco apresenta uma situação de fala específica e cada situação de fala tem resultados e implicações diferentes:

BLOCO 01

	Classe Média (o) (e)		Classe Alta (o) (e)		
Jovens Masc.	64/64	18/18	82/82	28/28	
Jovens Fem.	16/16	22/22	22/22	16/16	
Adultos Masc.	22/22	20/20	38/39	46/46	OVER ALL:
Adultos Fem.	12/12	36/38	14/14	18/18	(o) 438/442=99%
Velhos	40/42	20/21	44/45	21/21	(e) 292/295=98.9%
Velhas	44/44	24/24	40/40	23/23	
	198/200 = 99%	140/143 = 97.9%	240/242 =99.1%	152/152 =100%	

Tabela 01 = (o) e (e) na fala casual e do ponto de vista da estratificação social: classe, sexo e idade.

BLOCO 02

	Noticiários
ou > o	78/122 = 63.9%
eí > e	56/120 = 46.6%

Tabela 02 = (o) e (e) em noticiários.

BLOCO 03

	Leitura de Texto	Leitura de Palavras	
(o)	59/108 = 54.6%	30/126 = 23.8%	89/234 = 38.3%
(e)	40/96 = 41.6%	22/120 = 18.3%	62/216 = 28.7%

Tabela 03 = (o) e (e) em testes de leitura.

2. Contexto fonético

Em termos de contexto fonético, a redução de 'ei' a 'e' é bem menos geral que a redução de 'ou' a 'o', sempre passível de ocorrer. Não encontramos qualquer ocorrência de 'ou' que fosse bloqueada, por gerar uma realização gramatical. Já em relação ao ditongo 'ei', a situação é bastante diferente. Há segmentos consonantais que parecem bloquear a produção da variável (e), como é o caso das apicais em posição posterior:

(1) /t/ = feito, azeite, enfeita, seita, leite

*fêto, *azête, *enfêta, *sêta, *lête

/d/ = peido

*pêdo

/s/ = beicho

*bêço

/l/ = leilão, Sheila

*lelão, *Shêla

/n/ = reina, reino

*rena, *reno

O segmento consonantal /g/ (dorsal oclusiva) nos traz uma dificuldade. Hã palavras como 'meigo', 'leigo', 'meiga', 'leiga', 'Veiga' que não são passíveis de redução:

(2) *mêgo (a), *lêgo (a), *Vêga,

mas hã palavras como 'manteiga' que são, na fala coloquial, categorialmente reduzidas: 'mantêga'. Curiosamente, inclusive, encontramos numa propaganda da Casa Sears o registro de 'manteigueira', escrito de forma reduzida no primeiro ditongo (não-acentuado); o que não deixa de evidenciar a consistência da redução em um nível bem subjacente. ²



Um segundo ambiente que bloqueia a produção de (e) é relativo à posição que ocupa no item léxico. Quando o ditongo 'ei' ocorre em final de palavra, a redução é categorialmente bloqueada. E, aí, a questão também não é morfológica. O bloqueio se dá independentemente da classe gramatical, de número e gênero. Quer dizer que ser nome ou verbo, ser masculino ou feminino, ter marca de pluralidade ou não, não tem qualquer influência na supressão da semi-vogal 'i'; o bloqueio se dá categorialmente. Como exemplos temos:

(3)	NOME	VERBO
	rei (s) *rê (s)	falei *falê
	lei (s) *lê (s)	sei *sê
	seis *sês	amei *amê
	fôsseis *fössês	cheguei *cheguê

Lemle (1978:69), considerando o /z/ e o /s/ como os segmentos consonantais (ambos, +alto) que mais favorecem a redução de 'ei' para 'e', argumenta que tal fenômeno pode ser caracterizado como uma crase³: "... o traço fonético que compartilham o /z/ e o /s/, a exclusão dos demais segmentos consonantais, é +alto e, assaz interessantemente, esse traço caracteriza também o segmento vocálico /i/". Lemle ainda vai mais adiante, dizendo que, se for constatado um relativo índice de simplificação diante do /r/ ([-alto]), tal redução poderia ser explicada como um processo de espraiamento de supressão para contextos consonantais não contendo o traço [+alto]. Ora, tal justificativa não encontra respaldo em nossos dados. Excetuando dados do bloco 03, ou seja, dados de leitura, obtivemos um resultado de 415 ocorrências com 'ei' e, destes 415 dados, 66.5% possuem o segmento /r/. Dos 66.5% da amostra, ou seja, 276 dados contendo o segmento consonantal /r/, 83.6% foram reduzidos. Isto significa, então, que o maior contingente vocabular, bem como o maior percentual de redução, ocorrem com um segmento consonantal [-alto], que é o /r/.

Alguns exemplos:

- (4) fêra, bêra, brasilêro, Figuerêdo, Ribêro,
 banderante, chêro, Perêra, minêra, financêra,
 quarterão, barrêro, primêro, intêro, cartêra,
 verdadêro, sujêra, bandêra, soltêra, companhêra,
 penêra, bananêra, pedrêro, manêra, etc.

Tal resultado afasta, de alguma maneira, a possibilidade de se considerar a simplificação de ditongo como um fenômeno de crase. Outro fator que desfavorece a hipótese do espraimento no caso do /r/, é o fato de encontrarmos, na literatura especializada e em compêndios mais antigos, tal ambiente como pertencente ao rol dos mais favorecedores à simplificação do 'ei':

- "ei (dít.) - reduz a ê quando vem seguido de 'r,x,j!': isquêro, chêro, pêxe, dêxe, quêjo, bêjo, berada" (Amaral, 1976 [1920]: 50)
- "a redução do ditongo 'ei' antes de palatal e até mesmo de /r/, normal no Brasil /.../ também se dá em Portugal" (Mello, 1981 [1917]: 127)
- Leite de Vasconcellos (1928) dá conta que ouviu de um deputado alentejano 'ribêra' por 'ribeira' (apud. Mello, 1981: 127).
- Leite de Vasconcellos (1928:347) atesta também que o ditongo 'ei', quer tônico, quer âtono, condensa-se a 'ê' antes de consoante no falar popular, mas não faz nenhum realce aos segmentos consonantais /z/ e /s/ como mais favorecedores à redução do que qualquer outro segmento consonantal.

Assim, se tomarmos dados de fala contemporânea (em termos quantitativos ou percentuais de ocorrência) e referências ao tempo real (Cf. Labov, 1972), poderemos é suspeitar que o fenômeno da simplificação do 'ei' tenha se originado diante do segmento /r/, o que contraria toda a proposta de Lemle (1978). Aliás, conforme interessante observação do colega César Augusto Reis, o fato do /r/ ser a consoante mais próxima das vogais em termos acústicos também é um forte argumento (talvez o mais forte argumento) em

favor de que a simplificação tenha realmente se originado aí.

No caso da redução de 'ou', parece que também podemos descartar a hipótese da crase. Em relação a outros ambientes consonantais, o /r/ de modo algum desfavorece a produção da variável (o). E, da mesma maneira como ocorre com o ditongo 'ei', o ambiente consonantal /r/ é sempre mencionado como exemplificação do fenômeno de redução a (o). Por exemplo:

- "ou (dit.) - acentuado ou não, contrai-se em ô: pôço,tôro, locura. (Amaral, 1976 [1920]: 50)
- "o ditongo 'ou' absorve o 'u': ôro, tesôro" (Coutinho, 1971 [1938]: 333)

3. Fala coloquial

3.1. Ambientes estruturais

Isolados os casos não-passíveis de gerar (e), encontramos um alto índice percentual de redução: 99% tanto para gerar (e), quanto para gerar (o). De um total de 737 dados registrados de fala coloquial, apenas 07 itens não foram reduzidos e, mesmo assim, podem ser justificados como mudança de código dentro do discurso. É o caso de 'tesouro', usado todas as vezes no sentido metafórico e de 'lareira', também usada enfaticamente, pois o falante teve a intenção de ironizar o requinte e o formalismo de uma determinada situação.

Com tal resultado, podemos observar que a fala casual favorece sobremaneira a redução de 'ei' e de 'ou' (o que, aliás, não nos causa surpresa alguma). Uma vez passível de redução e sendo fala casual, a simplificação ocorre 99% dos casos, independentemente de fatores estruturais como:

(5) (a) posição que ocupa no item lêxico:

(o) ôro, tôro, amô

(e) êra, bêra

(b) traços [± acento] :

(o) ôro, popança

(e) fêra, dexar

(c) segmentos consonantais:

(o) Pôco, ôtras, ôve, Pôso, poquinho, popança
dotor, ôço, rôpa, rôba, ôro, etc.

(e) fêra, dexei, banderante, mantêga, ribêro,
quêjo, quêxo, pêxo, fejão, têma, trenamento, etc.

Na fala casual, traços morfológicos, como singular vs. plural, masculino vs. feminino, nome vs. verbo, também não têm qualquer peso no maior ou menor favorecimento da redução. Sendo fala casual, a probabilidade de redução é de 99%, independentemente de qualquer traço morfológico:

(6) (o) pôco, pôcos, pôca, pôcas.

ôtro, ôtra, ôtras, ôtros//popar, popança

(e) intêro, interar

brasilero, brasilera, brasileros(as)

3.2. Fatores não-estruturais: classe social, idade e sexo.

Conforme podemos observar na tabela 01 e nas figuras 01-03 a seguir, fatores sociais como idade, sexo, classe social não têm qualquer influência no favorecimento ou desfavorecimento da redução. Um falante jovem (19 anos) ou adulto (40 anos) ou velho (70 anos) tem a mesma produção percentual de monotongação na fala casual:

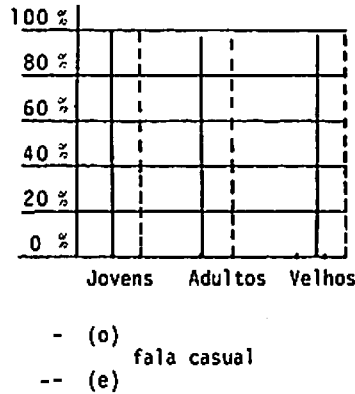


Figura 01

Da mesma maneira que ocorre com a idade, a redução se dá quantitativamente em falantes da classe alta e da classe média baixa e em falantes do sexo masculino e feminino (Cf. figuras 01, 02 e 03). Nenhum destes fatores, ou seja, classe social e sexo, influencia a mais ou a menos a produção de (e) e de (o):

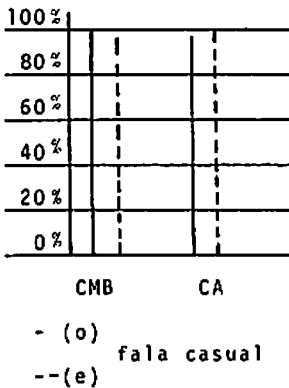


Figura 02

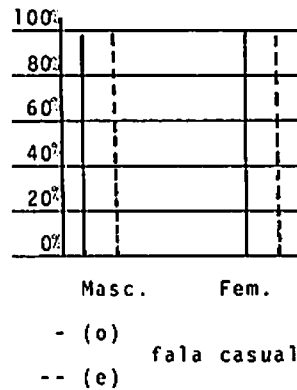


Figura 03

Assim, podemos levantar, por agora, a hipótese de que a redução de ditongo não é marcador nem de idade, nem de sexo, nem de classe social, mas, possivelmente, de um estilo. No caso, es-

tilo casual, cotidiano e/ou solidário.

4. Fala cuidada

No uso mais formal de fala, a redução não se realiza da mesma maneira registrada no casual. Há ambientes estruturais mais favorecedores que outros, os quais não são coincidentes para a produção de (e) e de (o). Tomando os noticiários como amostra de fala cuidada, obtivemos um resultado de 64% (78/122) de (o) e 46.6% (56/120) de (e), o que significa que a variante (o) tem maior percentual de ocorrência que (e), na fala mais formal.

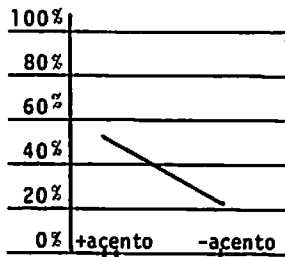
4.1. Ambientes estruturais

4.1.1. Os ambientes estruturais detectados com relação ao 'ei > e', foram os seguintes:

(7) Quanto à acentuação:

a. + acento = 52/101 = 51.48%

b. - acento = 4/19 = 21%



(e) fala cuidada

Figura 04

O ambiente + acento atua como mais favorecedor que - acento. Proporcionalmente, o ambiente -acento chega a atuar como desfavorecedor da redução de 'ei'.

(8) Quanto à posição que ocupa no item léxico

- a. final: bloqueia-se a redução a (e)
- b. interna: 54/118 = 45.7%
- c. inicial: 2/2 = 100%

Como já dissemos, o ambiente final de palavra bloqueia a produção de (e) e, conforme podemos observar nos resultados acima, não temos dados suficientes para avaliar a questão de grau de favorecimento em relação à posição do 'ei' na palavra. O número de dados em posição inicial é reduzido (02); é reduzido até mesmo no dicionário e, por vezes, não são palavras que façam parte da fala cotidiana.

(9) Quanto ao segmento consonantal

O maior contingente vocabular e o maior percentual de redução a (e) se dá com o segmento posterior - alto /r/, sobre o qual já nos referimos. Restam-nos, pois, poucos dados, os quais podemos agrupar nos seguintes itens léxicos:

. deixar, beijar, peixe, queixo

4.1.2. Já com relação a 'ou > o', encontramos os seguintes ambientes:

(10) Quanto à acentuação:

- a. [+ acentuado]: 76/112=67.8%
- b. [- acentuado]: 2/10 =20 %

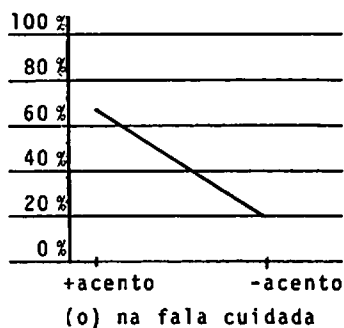


Figura 05

Em graus diferentes, o ambiente +acento favorece consideravelmente a redução. Proporcionalmente, podemos dizer que o ambiente -acento atua como ambiente desfavorecedor, o que também ocorre com a redução de 'ei > e'.

(11) Quanto à posição que ocupa no item léxico

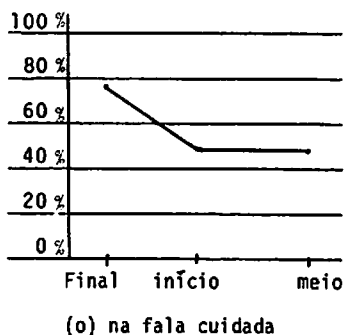


Figura 06

a. final: $52/66 = 78.7\%$

b. interna: $10/22 = 45.4\%$

c. inicial: $16/34 = 47\%$

Em termos posicionais, o ambiente que mais favorece a redução é final de palavra, embora não se possa dizer que as ou-

tras posições a desfavoreçam. A questão é só de grau.

(12) Quanto ao segmento consonantal

Exluindo o ambiente +final de palavra , que ocupa o maior espaço quantitativo dos dados -(66/122 = 54%) -,sõ nos restam 56 dados. Destes, 44 foram ocupados pela alta freqüência dos seguintes itens lêxicos:

- . outro = 10/18 = 55.5%
- . pouco = 8/12 = 66.6%
- . ouvi = 4/14 = 28.5%

Os demais 12 casos apareceram uma ou duas vezes, não contendo ambientes que pudessem ser comparados uns aos outros. Por exemplo: poupança, Pouso, roubo, etc. Portanto, não temos dados suficientes para dizer se o segmento consonantal tem ou não influência na maior ou menor produção da variável (o).

4.2. Casos de redução e ditongação não incluídos na contagem

4.2.1. 'ei > e'

Foram registrados casos invertidos, ou seja, monotongo sendo ditongado (o que já foi mencionado por vários gramáticos), como é o caso de 'geinte' e 'meis'. Também registramos dois casos de alçamento do (e), quando vem de 'ei': 'carririnha' e 'manirice'⁴.

4.2.2. 'ou > o'

Foram registrados casos de redução a 'o' (alguns

alçados a 'u'), quando este 'o' vem de 'ol': pouvilho ~ povilho; resouvi ~ resovi ~ resuvi; poutrona ~ potrona.

Invertidamente, foi coletado, na fala diária e em noticiários, o monotongo 'o' ditongado. São casos claramente usados em situações de ênfase ou prestígio: telefoune, alou, professoura, Countagem, etc. Houve um caso de 'ou' reduzido, mas com tom aberto: rôba

5. Leitura de palavras e de textos⁵

Na leitura de texto, ou melhor, de sentenças, o falante demonstrou um comportamento bem semelhante ao que foi registrado na fala de noticiários e entrevistas, tanto na produção de (o), quanto na produção de (e). Já na leitura de palavras soltas, o percentual de redução baixa significativamente. A liderança é sempre da variável (o), embora na leitura de palavras a diferença não seja nem um pouco significativa, conforme pode-se ver na figura 07, abaixo.

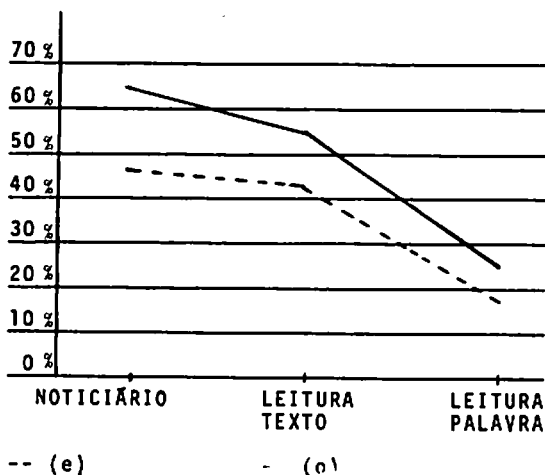


Figura 07

notícias de casos de redução na literatura especializada e em gramáticas mais antigas:

Gladstone Chaves de Melo (1981 [1917]: 127) diz que a redução de ditongos é um fenômeno muito antigo na língua, o que se pode ver através de textos de outras eras como por exemplo, Vieira, onde se encontra: lôco por louco; trôxe por trouxe e onde se lê:

(14) "Era alejado de um braço" (Sermões, XIII)

(15) "O mar com os pexes ouvintes" (Sermões, II)

Gladstone (1981:126-7) faz também referência a Gonçalves Viana (1892), que, na transcrição das três primeiras estâncias de Os Lusíadas, registra, segundo pronúncia de 1892, o uso de 'ôtro' para 'outro' no verso:

(16) "Que ôtro valor mais alto se alevanta"

Gonçalves Viana (1892:56) também diz o seguinte: "o 'ei' antes de X e j pode, quando tônico, proferir-se simplesmente 'e'". Registra também a pronúncia 'tirô' para 'tirou' e 'trôxe' para 'trouxe'.

Amadeu Amaral (1976 [1920]: 50) dá-nos os seguintes registros:

— ei (dit) - reduz-se a e quando seguido de r,x,j: isquêro,
arguero,
chero,
pêxe

— ou (dit)- a) acentuado ou não,contrai-se em ô: pôco, tôro,
locura,rôpa,etc.

b) nas formas verbais em que o acento tônico re-
cai em 'ou', este, às vezes, se contrai em ô:
rôba, afrôxe,
estôre.

Leite de Vasconcelos (1928:280) diz: o ditongo 'ou' da língua literária está representado de 3 maneiras:

- a) \bar{o} ou $\bar{ô}$ = pôco, rôco, ôtro
- b) $\bar{o}i$
- c) $\bar{o}u$

Ismael Coutinho (1971 1938 :332-3) diz que na pronúncia brasileira os ditongos 'ei' absorvem o 'i' na língua vulgar antes de palatal: quêxo, bêjo e o ditongo 'ou' absorve o 'u': ôro, tesôro

Apesar de termos alguns dados do tempo real comprovando a progressão das variáveis (e) e (o), o mesmo não ocorre com dados do tempo aparente. Por isso, não podemos conjugar estes dois componentes básicos propostos por Labov (1972) na caracterização de uma mudança em progresso. Já a estabilidade ou a sedimentação da redução pode ser evidenciada pelo relativo alto índice de redução nas leituras, onde o falante é estimulado a reproduzir a forma escrita (no caso, ditongada) e, mesmo assim, faz uso da simplificação (Cf. tabela 03). Da mesma maneira, se na fala de noticiários, ou seja, no uso de fala mais padrão, o resultado da redução alcança um percentual médio de 50%, isto significa que a redução já deixou de ser marca de fala casual, expandiu-se para estilos de fala mais cuidada, como atesta Lemle (1978) para a fala do Rio de Janeiro, e vem-se mantendo como uma variável estável.

7. Conclusão

7.1. Do ponto de vista da estratificação social

Pudemos observar que as variáveis (o) e (e) não são marcadores de classe social, nem de sexo ou idade. Falantes de classe social alta ou baixa, adultos e jovens, homens e mu-

lheres reduzem quase que categorialmente quando a fala é casual. Nas realizações de fala mais cuidada, a simplificação é liderada pelo (o), mas tanto o (o), quanto o (e), apresentam um alto índice de redução, o que nos impede de dizer que esta seja marcadora de fala casual em oposição à ditongação que seria marcadora de fala cuidada. O que podemos dizer é que os contextos de fala casual favorecem em 99% (semi-categorialmente) a redução e os contextos mais formais favorecem menos. A questão parece ser apenas de grau. Percentuais de 64% para (o) e 46% para (e), em noticiários, constituem-se em fortes argumentos em favor de não se afirmar que a fala cuidada desfavorece a redução, que já deixou, pois, de ser marca de fala coloquial, atingindo níveis de fala mais elaborado. Exatamente por atingir níveis de fala mais elaborado, como a LEITURA, é que evidenciamos a estabilidade e a consistência da redução na língua portuguesa, em oposição à hipótese de uma mudança em progresso que não teve qualquer respaldo nos dados coletados.

7.2. Do ponto de vista da estruturação interna

Pudemos observar que:

(17)(a) o traço + acento favorece consideravelmente a produção das duas variáveis (e) e (o);

(b) o contexto fonético permitido para (e) é bem menos geral que para (o), que não possui ambientes bloqueadores;

(c) o 'ou' em final de palavra é o ambiente que tem maior percentual de redução em todos os estilos de fala, em oposição ao 'ei' em final de palavra, que tem a redução bloqueada;

(d) traços morfológicos como nome e verbo, singular e plural, masculino e feminino não influem no maior ou menor uso das variáveis (o) e (e).

Finalmente, pudemos constatar que a questão é complexa, merece um estudo minucioso e que somente uma abordagem do ponto de vista sociolinguístico dará conta de explicá-la, já que tanto há ambientes estruturais determinados, quanto há fatores sociais bem definidos que têm que fazer parte do corpo da(s) regra(s) responsáveis pela redução dos ditongos 'ei' a 'e' e 'ou' a 'o'.

NOTAS

1. Este trabalho é, na verdade, um estudo piloto, que servirá como ponto de partida para um estudo mais aprofundado sobre a questão da redução de ditongos em Português, sobre o ponto de vista sociolinguístico.

2. Num mesmo item léxico, a pronúncia duplamente ditongada causa estranheza aos falantes nativos que, em geral, ficaram em dúvida quanto a forma dicionarizada: manteigueira ou mantequeira?

Nos testes de leitura, a pronúncia de duplo ditongo é percentualmente muito baixa e a tendência do falante é reduzir o primeiro ditongo e manter o segundo (+ acentuado), isto quando não se reduzem ambos os ditongos de um mesmo item. Exemplos testados:

madeireira = madereira

Teixeira = texeira

(não foi registrado nenhum uso de 'madeirera')

3. Com intuito de sugerir linhas de pesquisa, Lemle apresenta algumas observações sobre certos traços característicos do Por-

tuguês falado no Rio de Janeiro por falantes de baixa escolaridade.

4. Cf. Viegas, M. C. e Veado, R. M. (1982), a respeito dos ambientes que favorecem o alçamento de $o > u$ e de $i > i$.
5. O que estamos rotulando de leitura de textos constitui-se de sentenças compostas, extraídas de jornais e revistas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. 3a. ed. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática histórica. 6a. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
- LABOV, W. Sociolinguistic patterns. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- . On the use of the present to explain the past. In: PROCEEDINGS OF THE ELEVENTH INTERNATIONAL CONGRESS OF LINGUISTICS, Bologna, 1974.
- LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: LOBATO, L. M. P., org. Linguística e ensino do vernáculo. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.
- MELO, Gladstone Chaves de. A língua do Brasil. 4a. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1981
- TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics: an introduction. New York, Penguin, 1979.
- VASCONCELLOS, Leite de. Opúsculos-dialetologia. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928. Vol. II
- VIANA, A. Gonçalves. Exposição da pronúncia normal portuguesa. Lisboa, 1982.
- VIEGAS, M. C. & VEADO, R. M. Alçamento de vogais pretônicas. Cadernos de linguística e teoria da literatura, Belo Horizonte, (7): 53-70, 1982.